

RESEARCH

Desobediência Civil em *Estrada de Palha*: um *western* português alentejano

Maria Antónia Lima

Centro de Estudos Anglísticos da Universidade de Lisboa, Universidade de Évora, PT
lima.antonina@gmail.com

Num tempo de muitas corrupções e conformismos generalizados, surge um realizador, Rodrigo Areias, capaz de projectar no grande ecrã o desencanto do sentimento colectivo de nada se poder mudar num país em que a lei do mais forte impera. Neste cenário, o apelo ético e político do conceito de desobediência civil de Henry David Thoreau impõe-se mais do que nunca justificando, assim, totalmente a produção de um filme como *Estrada de Palha* (2012). Se o realizador português procurou indicar, nesta sua obra, a urgência de actos de desobediência civil na sociedade portuguesa actual, produzindo um *western* português influenciado pela filosofia política de Thoreau em *Resistance to Civil Government* (1849), o presente ensaio terá necessariamente de reflectir sobre esta influência e sobre vários aspectos da actualidade dos pensamentos deste autor americano, identificando-lhe interessantes paralelismos com Alberto Carneiro, a personagem central cinematograficamente criada.

Concebendo o seu filme como um *western* alentejano, de que não estão ausentes referências a Ford, Leone, Jarmusch, Jodorowsky e Canijo, Rodrigo Areias conseguiu nele contrastar a violência com o bucolismo, a desobediência com a passividade, o conflito com a paz, conciliando o inconciliável e criando fortes equivalentes imagéticos do conceito ético de resistência passiva de Thoreau. Este estudo propõe-se, assim, abordar a evocação, neste filme, do imaginário do *western* americano e dos seus códigos distintivos, observando o processo da sua desconstrução numa identidade portuguesa e da sua conciliação com a imaginação subversiva do Transcendentalismo Americano, onde Thoreau se integra. Adequado à representação de um ambiente político-social instável, o *western* será, sem dúvida, um dos géneros que melhor representa sistemas sociais em crise, onde actos de resistência passiva mais serão colocados à prova pelo seu directo confronto com abusos de poder e com legitimações constantes da usurpação e corrupção. Em sintonia com o seu realizador, defender-se-á neste ensaio que *Estrada de Palha* se tornou mais interessante por ser um *western* assumidamente português que desenvolve uma via estética e ética de consciencialização política da realidade nacional actual, sem se tornar num *cliché* do género, nem tão pouco num filme de vincada ideologia programática.

Palavras-chave: Henry David Thoreau; Desobediência Civil; Western; Estrada de Palha; Rodrigo Areias

At a time of widespread corruption and conformity, a director, Rodrigo Areias, emerges to project onto the big screen the disenchantment of a collective feeling that nothing can change in a country where the law of the jungle rules. In this scenario, the ethical and political appeal of Henry David Thoreau's concept of civil disobedience is more compelling than ever, thus fully justifying the production of a film such as *Estrada de Palha (Straw Road)* (2012). If in his work, the Portuguese director sought to show the urgency of civil disobedience acts in present-day Portuguese society, producing a western influenced by the political philosophy of Thoreau in *Resistance to Civil Government* (1849), this essay will necessarily have to reflect upon this influence and the various aspects of the timeliness of the American author's thoughts, while identifying interesting parallels with Alberto Carneiro, the main cinematographically created character of the film.

Conceiving his film as a western set in Alentejo, which does not lack references to Ford, Leone, Jarmusch, Jodorowsky or Canijo, Rodrigo Areias was able to contrast violence with bucolicism, disobedience with passivity and conflict with peace, reconciling that which is irreconcilable, and creating strong imaginary equivalents to Thoreau's ethical concept of passive resistance. As a result, this study proposes to address how this film evokes the American western imagination and its distinctive codes, observing the process of its deconstruction into a Portuguese identity and its reconciliation with the subversive imagination of American Transcendentalism which Thoreau integrates. Suitable for representing an unstable sociopolitical environment, the western is undoubtedly one of the genres that best represents social systems in crisis, where acts of passive resistance will be most tested by their direct confrontation with the misuse of power, including a constant legitimization of usurpation and corruption. In line with its director, this essay will argue that *Estrada de Palha* has become more interesting because it is an admittedly Portuguese western that develops aesthetic and ethical means of political awareness based on current national reality, being neither a cliché of the genre nor a film with a strong ideological agenda.

Keywords: Henry David Thoreau; Civil Disobedience; Western; Estrada de Palha; Rodrigo Areias

"It costs me less in every sense to incur the penalty of disobedience to the State than it would to obey. I should feel as if I were worth less in that case."
Henry David Thoreau, *Civil Disobedience* (1849)¹

"Seja como for, incorrer no castigo, por desobedecer ao Estado, custa menos do que obedecer-lhe. Obedecer é como confessar que nada valho."
Henry David Thoreau, *Desobediência Civil* (1849)²

Introdução

Num tempo de muitas corrupções e conformismos generalizados, surge um realizador, Rodrigo Areias, capaz de projectar no grande ecrã o desencanto do sentimento colectivo de nada se poder mudar num país em que a lei do mais forte impera. Neste cenário, o apelo ético e político do conceito de Desobediência Civil de Henry David Thoreau impõe-se mais do que nunca justificando, assim, totalmente a produção de um filme como *Estrada de Palha* (2012).

Nesta obra alude-se de forma explícita aos trajectos que os pastores transumantes percorriam em Portugal com os seus rebanhos. "Estrada de Palha" seria o nome dado à parte mais perigosa do percurso. Esta narrativa cinematográfica aborda a história de um homem que, após ter vivido longe do seu país durante mais de uma década, volta à sua aldeia para vingar a morte do irmão. Inspirado na convocação à resistência civil dos escritos de Henry David Thoreau, Alberto Carneiro, a personagem central, traduz *Civil Disobedience* (1849) para português. Ao longo desta obra repete-se a ideia recorrente de que a acção se passa num país onde nada muda. Onde a corrupção e a exploração dos mais fracos são encaradas com normalidade, os representantes do Estado prendem e matam impunemente, o que leva Alberto a tentar combater esta tirania salvando o que resta da sua dignidade e da sua família.

Rodado entre a serra da Estrela e o Alto Alentejo, além de conter uma série de planos feitos na Lapónia, *Estrada de Palha* desenvolve-se "respeitando o trajecto da transumância do gado serrano, um dos principais motores económicos da Península Ibérica durante mais de cinco séculos", explicou o realizador, quando o filme passou no festival de Vila do Conde. É de salientar que esta obra cinematográfica foi bastante bem recebida pela crítica nacional tendo igualmente obtido grande projecção internacional, nomeadamente na Finlândia, onde *Estrada de Palha* passou no *Midnight Sun Film Festival* (e recebeu elogios de Aki Kaurismäki), participando também no festival checo de Karlovy Vary, onde fez parte da competição. Daí que Rodrigo Areias tenha observado: "As pessoas ainda não se aperceberam da responsabilidade que o cinema português hoje tem na divulgação da nossa cultura e da nossa imagem a nível internacional."³

¹ Henry David Thoreau, *Civil Disobedience*, p. 125.

² Henry David Thoreau, *Desobediência Civil*, citação de excerto do texto traduzido no filme *Estrada de Palha* de Rodrigo Areias.

³ Rodrigo Areias in Entrevista de Jorge Mourinha. "Não haverá Sangue". *Ipsilon, Público*, 26 Julho, 2012. www.publico.pt/2012/06/28/culturaipilon/noticia/nao-havera-sangue-307043. Acedido a 30 de Outubro de 2018.

Defendendo a ética de resistência civil de Henri David Thoreau (1817–1872) e citando recorrentemente excertos traduzidos de *Civil Disobedience* (1849), este filme de Areias desenvolve uma via estética de consciencialização política da realidade nacional actual, sem se tornar num filme de vincada ideologia programática. Baseado na actualidade portuguesa, procura perspectivá-la através de um ponto de vista reflexivo e filosófico alicerçado nos pensamentos libertários de Thoreau, que alertavam para o divórcio entre a política e os direitos do cidadão, argumentando que os indivíduos tinham o direito e o dever de se recusarem a ser instrumentos da injustiça governamental:

The mass of men serve the state thus, not as men mainly, but as machines, with their bodies. (...) But when the friction comes to have its machine, and oppression and robbery are organized, I say, let us not have such a machine any longer. (Thoreau 112–113)

Estrada de Palha – Um Western Português Alentejano

Sendo um *western* muito peculiar, uma das características mais interessantes deste filme é que Rodrigo Areias conseguiu nele contrastar a violência com o bucolismo, a desobediência com a passividade, o conflito com a paz, conciliando o inconciliável e criando fortes equivalentes imagéticos do conceito ético de resistência passiva de Thoreau. Adequado à representação de um ambiente político-social instável, o *western* será, sem dúvida, um dos géneros que melhor representa sistemas sociais em crise onde actos de resistência passiva mais serão colocados à prova pelo seu directo confronto com abusos de poder e com legitimações constantes de actos de usurpação e corrupção, razões pelas quais este género terá muito provavelmente sido escolhido por Rodrigo Areias.

Concebido como um *western* alentejano, ou um “*western* rojão”, segundo o seu realizador, que assume as suas raízes minhotas, este filme teria necessariamente de evocar o imaginário do *western* americano e os seus códigos distintivos, procedendo à sua desconstrução numa identidade portuguesa. Recorrendo a este processo, estabelece um variado número de alusões ao género, sem com isso desejar parodiá-lo. O uso da acção, a iminente presença da violência e o percurso para atingir uma ética de conduta para os que afrontam a lei associam-se a um ambiente político-social instável, onde, à semelhança do que sucede no *western* americano, impera a lei do mais forte, e, por consequência a legitimação da usurpação e corrupção. Contudo, a intenção se afirmar como uma produção nacional mantém-se, tendo Rodrigo Areias esclarecido:

A minha intenção era que o filme tivesse uma construção de género e uma desconstrução portuguesa. Era esse o ponto de partida. Não queria fazer forçosamente um filme histórico. Todos os anti-clímaxes que se vão construindo partem de estereótipos do western. Vai haver um duelo? OK, não vai ser nem à americana nem à inglesa, mas uma mistura dos dois. Começa com a história da morte do irmão? Tu não sabes verdadeiramente se ele encontra os assassinos do seu irmão ou não, não fica explícito... A minha ideia era sempre partir desse cliché do western, para depois o desmontar e tornar numa coisa mais portuguesa. E não apenas portuguesa, pois há muito universo de BD a entrar de repente por aquelas personagens. O Lucky Luke ou o Blueberry fazem parte da nossa geração, há um lado muito europeu de visitar essa realidade americana. Para mim, era sempre mais interessante ser uma coisa assumidamente portuguesa, em vez de filmar uma coisa em Itália ou no sul de Espanha a fingir que era a América.⁴

Como *Western* português, *Estrada de Palha* procura a justificação dos seus pressupostos estético-éticos orientando-se por pensamentos de Thoreau e também por certas considerações de André Bazin, segundo as quais se defende:

Onde a moral individual é precária, só a lei pode impor a ordem do bem e o bem da ordem. Mas a lei é tanto mais injusta quanto pretende garantir uma moral social ignorante dos méritos individuais dos que constituem a sociedade. (238)

Convém sublinhar que esta obra cinematográfica não se detém na defesa inútil de falsas demagogias e ideais anarquistas, mas antes se preocupa com a necessidade de uma moral, identificada por Bazin, como uma das características-chave do *western*.

⁴ Rodrigo Areias in Entrevista de Jorge Mourinha. “Não haverá Sangue”. *Ipsilon, Público*, 26 Julho, 2012. www.publico.pt/2012/06/28/culturaipilon/noticia/nao-havera-sangue-307043. Acedido a 30 de Outubro de 2018.

Encontramos, assim, notórias influências dos filmes de John Ford, o grande mestre do género, que sempre demonstrou grande preocupação com o valor da integridade humana. Como na obra de Ford, também nesta realização de Rodrigo Areias encontramos os grandes temas do bem e do mal, que se confrontam perante uma ética da visão do realizador, bem expressa em imagens organizadas com um equivalente sentido estético que a presença da luz amplifica. Aliás, em entrevistas dadas pelo realizador americano, este sempre destacou a importância da fotografia, que considerava essencial para um bom filme, pois via o cinema como um meio em que todo o potencial dramático se impõe através da sua comunicação plástica, a que subjaz uma visão não-dogmática da realidade e do comportamento humano. Numa entrevista aos *Cahiers du Cinéma*, John Ford chegou a revelar esta sua preocupação: “Não penso ter conscientemente vestido os meus heróis de branco e os meus maus de negro. A virtude não triunfa sempre, nem na vida nem no *western*. Algumas vezes triunfa e, cá no fundo, acho isso bem” (120).

Para realizar *Estrada de Palha*, Rodrigo Areias desenvolveu um grande trabalho de pesquisa que o obrigou a visitar toda a obra de John Ford, mas também os *western spaghetti* de Sergio Leone, o *Homem Morto* (1995) de Jim Jarmusch, o *El Topo* (1970) de Alejandro Jodorowsky. O seu objectivo ficou totalmente esclarecido para o público, quando referiu que desejava manter o filme como uma construção de género, mas simultaneamente proceder a uma desconstrução portuguesa. Trata-se, então, de um ensaio sobre o *western* e o seu grande alcance filosófico e existencial, revelando a sua eficácia estética contemporânea. Apresentado num contexto geográfico e social muito afastado dos pressupostos deste género, *Estrada de Palha* adquire uma originalidade particularmente inesperada e em diálogo directo com *Alentejo sem Lei* de João Canijo, uma mini-série de televisão portuguesa, de apenas três episódios, passada no Alentejo durante a guerra civil de 1828–1834, na qual miguelistas lutavam contra os liberais, numa região em que também a força era a lei.

Estrada de Palha possui uma forte mensagem política bem explícita e actual nos dias de hoje, ao conferir urgência, em tempos conturbados como os nossos, ao convívio com os pensamentos éticos e libertários de Thoreau, o grande defensor de práticas pacifistas através do método de resistência passiva. Um *cowboy* justiceiro e intelectual, tão hábil com rebanhos como com a natureza humana, surge persistentemente acompanhado por um texto que anda a traduzir de um livro eloquente e profético: *Desobediência Civil* (1849) de Henry David Thoreau. Ao longo do filme, surgem vários fragmentos deste seu texto, defendendo-se a desobediência civil individual como forma de oposição ao estado/governo/poder. Lembrando técnicas de cinema mudo, os pensamentos de Thoreau surgem intercalados nas várias cenas do filme, não as traduzindo directamente, mas acrescentando-lhes comentários reflexivos e filosóficos. A sua eloquência torna-se tanto mais expressiva quanto maior é o contraste da ética que transmitem com a realidade da acção determinada pelo confronto com a prepotência e arrogância do poder, dramatizadas por um déspota capitão Bacelo (Nuno Melo), que impõe a sua autoridade sem qualquer tipo de regras e apenas beneficiando os seus interesses pessoais. *Estrada de Palha* ultrapassa, assim, a sua mera condição de filme de género para se tornar numa especulação filosófica sobre o sentimento trágico do destino humano e a sua fragilidade perante sistemas ditatoriais, além de ser quase um tratado existencial sobre muitos aspectos da errância e até do nomadismo. Capaz de se confrontar com os cenários mais agrestes e desolados da Lapónia, representados no filme por grandes e sublimes planos gélidos filmados na Noruega, o protagonista, justiceiro e resistente, desenvolve uma longa e romântica demanda solitária, semelhante ao trajecto dos pastores que viajam para sul pela Estrada de Palha, enfrentando todos os perigos. Após este duro ritual de passagem por experiências difíceis em locais solitários, que lhe permitiram a meditação e sagacidade de um eremita ou monge budista, Alberto Carneiro, está pronto para se confrontar mais eficazmente contra a brutalidade e a injustiça do poder.

Paralelismos e Afinidades entre H. D. Thoreau e Alberto Carneiro

Para melhor comprovar a actualidade dos pensamentos de Thoreau e justificar a sua aplicação prática, existem no filme alguns paralelismos entre os seus motivos político-filosóficos e os de Alberto Carneiro, a personagem central deste filme de Rodrigo Areias, para quem o pensador americano representa o melhor líder intelectual com quem estabelece várias afinidades. Se Thoreau era crítico relativamente ao pagamento de impostos na América do seu tempo, sendo um abolicionista preocupado com a dignidade do indivíduo acima de tudo, Alberto, o protagonista, é também preso por não querer ser roubado pelo Estado. No filme, Alberto torna-se inimigo do capitão Bacelo devido a uma portagem exigida por este que o pastor se recusa a pagar. Tanto Thoreau como Alberto são incondescendentes relativamente a ilegalidades praticadas por um Estado que assim demonstra não estar a exercer a sua função correctamente.

Caminhantes solitários e libertários, ambos vivem sozinhos em comunhão com a Natureza e defendem a sua integridade individual, confrontando a corrupção do Estado e promovendo atitudes de resistência passiva, não apelando, por isso, ao duelo físico com a autoridade. As sublimes imagens iniciais do filme, que

apresentam Alberto como eremita, vivendo em profundo isolamento nas montanhas gélidas da Lapónia, poderiam facilmente corresponder à situação de extrema solidão vivida por Thoreau na sua cabana junto do lago Walden, em Concord, onde procurava essa “sweet solitude my spirit seemed so early to require” (Bode 5) e que o convidava aos mais nobres pensamentos, que deixou registados em *Walden; or Life in the Woods* (1854). Embora alguns dos seus biógrafos tenham preferido apresentá-lo como alguém mais equilibrado, tendo sublinhado a sua natureza social, a verdade é que Thoreau era, na sua essência, um homem sozinho, um *loner*. Convém lembrar que, no filme de Areias, Alberto, enquanto pastor itinerante, deambula por locais inabitados e inóspitos, acabando por desaparecer, calmamente, como faz durante todo o filme, para se isolar e dedicar-se a uma vida de reflexão, algo profundamente romântico e até evocativo da obra *Os Devaneios de um Caminhante Solitário* (1782) de Jean Jacques Rousseau.

Perseguindo igualmente os seus profundos desejos de vida privada, também Thoreau sempre tentou evitar qualquer invasão da sua privacidade, que a todo o custo precisava de manter para caminhar, pensar e escrever. Só assim conseguiu desenvolver o grande poder de reflexão expresso nos seus textos, tendo num dos diários confessado: “tonight my flute awakes the echoes over this very water ... Even I have at length helped to cloth that fabulous landscape of my imagination” (*Ibid.*). Uma fabulosa paisagem da imaginação será também algo que se mantém comum a este pensador americano e a Alberto Carneiro, pois ambos possuem uma sensibilidade poética que os une numa relação transcendental com a Natureza, esse enorme símbolo do espírito humano segundo R. W. Emerson, o grande orientador filosófico e espiritual do Transcendentalismo Americano e grande mestre de Thoreau.

A Natureza seria, então, o local ideal para fazer surgir o melhor do indivíduo, possibilitando-lhe atingir e aperfeiçoar a sua identidade e voz poética. Solidão e privacidade seriam, assim, os ingredientes essenciais ao desenvolvimento e evolução de um poeta que respeitasse a sua independência de espírito e o valor da introspecção e intuição humanas. E, embora o poeta estivesse isolado dos seus contemporâneos, como bem observou Emerson no seu ensaio, *The Poet*, ele seria representativo do homem completo e dele se exigia que celebrasse valores universais conducentes à liberdade individual, pois além de se acreditar poderem os poetas ser deuses libertadores (“the poets are thus liberating gods”), também se defendia que a expressão poética conferia poderes muito especiais: “the use of symbols has a certain power of emancipation and exhilaration for all men” (Emerson 276). Não existe, assim, qualquer dúvida que Thoreau desejava ser poeta, não significando que tencionava tornar-se um esteta lânguido e sentimental, mas antes um representante de uma humanidade moderna, situando-se próximo do visionário e do profeta. De acordo com a sua concepção, o poeta ideal seria mais nobre do que o cientista e superior ao filósofo partilhando características de ambos:

The collector of facts must possess a perfect physical organization; the philosopher, a perfect intellectual organization. But in the true poet they are so fairly but mysteriously balanced, that we can see the results of both, and generalize even the widest deductions of philosophy. (Thoreau 20)

Assim, todos os pensamentos e reflexões apresentados em *Civil Disobedience* não estão desprovidos de sentido poético, o que confere às causas aí defendidas um maior impacto no alcance das mensagens éticas e políticas transmitidas. Rodrigo Areias soube transpor magistralmente para o seu filme esta ética poética de Thoreau que foi profundamente integrada na personalidade de Alberto Carneiro, nome aliás ressonante de uma herança pessoana que nos interpela pelo jogo irónico associativo que estabelece com o heterónimo Alberto Caeiro, esse guardador de rebanhos que, na verdade, guardava pensamentos, fixando em poesia a realidade mais pura e autêntica da Natureza. O conhecido desejo de total simplicidade existencial próprio deste heterónimo, para quem a sensação seria a única realidade com a qual se relacionava da forma mais objectiva e natural possível, identifica-se com a preferência de Alberto Carneiro e do próprio Thoreau em viver uma vida simples. A famosa cabana deste último em Walden era, por exemplo, constituída apenas por um quarto sem fechadura na porta nem cortina na janela, o que para si seria o suficiente, já que era seu desejo seguir as orientações de Thomas Carlyle, que aconselhavam a reduzir as necessidades ao essencial: “reduce your wants and live a simple life” (Bode 21). Daí que os textos produzidos pelos transcendentalistas americanos produzissem, no seu conjunto, uma imagem estereotipada de um movimento que acreditava numa América pastoral e idílica, mas que não deixava de transportar uma profunda crítica social aos efeitos negativos da industrialização, como bem nos lembra Perry Miller em *The Transcendentalist*:

The picture of the movement as a charming idyll in a pastoral America became, by the end of the century, the stereotype. It has been perpetuated to our own day by writers whose dread of an industrialized and mechanized civilization bred a nostalgia for simplicity and rural quietude. (Miller 14)

Não será demais lembrar que esta atitude ascética de Thoreau demarcava-se totalmente das tendências socioculturais dominantes na época, determinadas pelo materialismo americano, que já incentivava o consumo e a acumulação de propriedade privada, a que o filme de Areias também alude, colocando o centro da intriga cinematográfica na apropriação ilegal de rebanhos de ovelhas. Além disso, a imagem do rebanho tem sido frequentemente utilizada por este realizador português, inclusive em anúncios televisivos de sua autoria, o que revela um profundo interesse pelo alcance crítico e humorístico desta metáfora imagética que se adequa de forma particularmente pertinente à realidade socio-política nacional determinada por um conformismo ancestral imutável. Sabe-se como igualmente o próprio Thoreau se insurgiu sempre contra este estado de coisas, pois desde cedo se apercebeu que, no seu tempo, as pessoas em Concord e noutros locais do mundo viviam escravizadas não só pela fome, mas também pelo apego à propriedade privada e à conformidade social. Indignado pelo facto de grande parte dos homens levarem uma vida de desespero silencioso sem nada fazerem contra isso, este autor americano chegou um dia a denunciar esta extrema passividade, dirigindo-se até aos próprios abolicionistas, dizendo-lhes: “Ye are all slaves” (Bode 25).

Defendendo acima de tudo a dignidade e liberdade individuais e criticando a prepotência de todo o autoritarismo corrupto, *Estrada de Palha* de Rodrigo Areias encontrou decerto, nas ideias centrais do pensamento de Thoreau, os melhores argumentos para justificar a defesa de uma causa comum apresentada em obras produzidas em diferentes épocas. Por isso a personalidade de Alberto Carneiro se aproxima tanto de Thoreau e das suas causas. Partindo de referências éticas exemplares do pensador americano, as acções de Alberto podem também tornar-se num exemplo de conduta para a cena social e política nacional, onde cada indivíduo deveria exercer o seu poder de julgar por si próprio, única forma de garantir a independência. Se Alberto age sozinho e de acordo com os seus próprios princípios, tudo acaba por se resumir, como em *Civil Disobedience*, a uma questão de consciência e não de mero desejo de poder ou de acumulação de benefícios, possuídos pela autoridade, a que se resiste passivamente denunciando os seus excessos criminosos e malévolos. Na ausência deste sentido ético, parece estar a razão de todos os males passados, presentes e futuros, podendo isto minar qualquer sistema social e político que facilmente se desorienta pela perda dos seus mais essenciais valores, como bem Thoreau previra nas suas reflexões sobre desobediência civil: “Others – as most legislators, politicians, lawyers, ministers, and office-holders – serve the state chiefly with their heads; and, as they rarely make any moral distinctions, they are as likely to serve the devil, without *intending* it, as God” (Thoreau 112). É, assim, natural que estes pensamentos tornem solitários quem os produz, pois será sempre alguém que se recusa a ser moldável pelo poder: “a wise man will only be useful as a man, and will not submit to be ‘clay’ ” (*Ibid.* 133). Um homem sábio será também alguém que se recusa a ser mais uma peça na engrenagem de uma máquina reprodutora de actos corruptos que parecem imparáveis e repetíveis no tempo, a não ser que indivíduos de consciência independente e libertária lhes resistam com a determinação de um Gandhi, como parece ser a intenção de Alberto Carneiro em *Estrada de Palha*. Mais uma vez as palavras de Thoreau, em *Civil Disobedience*, são a este respeito premonitórias: “There will never be a really free and enlightened State until the State comes to recognize the individual as a higher and independent power, from which all its own power and authority are derived and treats him accordingly” (*Ibid.* 113).

Entende-se, assim, que a intervenção revolucionária de confronto com o poder tirano e corrupto do estado, por parte da personagem Alberto Carneiro, encontre fundamentação teórica, ética e política em vários pensamentos de Thoreau extraídos do seu ensaio sobre desobediência civil. A apropriação dos escritos deste pensador do séc. XIX, por um realizador do séc. XXI, para criar o seu filme, projecta nessa identificação da personagem central um mecanismo de autorreferencialidade, pois Areias e Alberto possuem o mesmo fascínio pela filosofia de Thoreau e pelo apelo à não violência do seu método pacifista de resistência passiva. Assim se justifica a grande modernidade e actualidade da visão crítica deste autor americano, cuja imaginação subversiva sempre fez parte da geração de transcendentalistas americanos a que pertencia, e que David Reynolds bem identifica na sua obra *Beneath the American Renaissance – the subversive imagination in the age of Emerson and Melville*, onde se destaca a relevância da rebelião destes escritores contra o poder cultural dominante: “The view of the major writers as alienated rebels has become deeply ingrained in our view of American literature. It has become common to view high literature as an isolated act of rebellion or subversion against a dominant culture” (6). Ao traduzir *Civil Disobedience* para português, Alberto Carneiro traduz este espírito de rebelião necessário à urgente mudança de mentalidades ainda hoje sentida no cenário sócio-político nacional comprovando, assim, que o seu conhecimento, adquirido em profundo isolamento asceta, lhe proporcionou uma grande consciência das reais condições históricas e sociais do seu país, como aliás também aconteceu com a experiência eremita de Thoreau em *Walden*.

Conclusões Finais

Estimulando uma discussão política, mas não panfletária, a utilização cinematográfica do célebre texto, *Desobediência Civil* de Thoreau, confere rigor ao alcance da mensagem ideológica que transmite e que se projecta em *Estrada de Palha*. As citações do pensador americano, entre algumas sequências, fazem com que a palavra atinja uma dimensão ética e universal, tão forte como o poder das imagens que indirectamente comentam: “Percebi que o Estado era deficiente mental. Como uma viúva agarrada às suas pratas, incapaz de distinguir amigos e inimigos. Foi então que lhe perdi o pouco respeito que tinha e passei a ter pena dele”.⁵ Esta resistência desobediente torna-se, então, uma forma de contrariar a desistência fomentando uma activa participação na mudança.

De realçar a surpreendente actualidade deste filme, que, ao inspirar-se em Thoreau, comprova serem os seus pensamentos profundamente actuais. O seu famoso aforismo, “o melhor governo é aquele que menos governa” (“that government is best which governs least”) (Thoreau 109), aplica-se a esta narrativa cinematográfica localizada num país onde a prepotência da autoridade é encarada com normalidade, permitindo-se que os representantes do Estado prendam e matem impunemente. Ao tentar combater-se esta tirania, cai-se no desânimo de concluir ser este um país onde nada muda...

A capacidade do conteúdo temático de *Estrada de Palha* de se projectar no espaço contemporâneo é, assim, enorme, tornando possível uma interessante e original identificação entre ficção e realidade actual. Esta obra cinematográfica dialoga profundamente com a nossa contemporaneidade por representar um exercício imaginário que possibilita uma importante reflexão sobre a disseminação e normalização de práticas legais para exercer permanentes ilegalidades que se estendem a todo o território nacional tal como acontece na actualidade. Tanto na narrativa fílmica, como na vida do cidadão comum actual, abundam situações de excessos fiscais, taxas, impostos, que o realizador, enquanto membro do rebanho, pressente como definitivos, confessando a sua apreensão relativamente ao cenário da sociedade portuguesa:

De repente a democracia são sempre os outros, a culpa é sempre de outra pessoa que votou naqueles tipos. O lado amorfo com que a malta vê isto assusta-me muito. E do meu ponto de vista é óbvio que isto nunca vai mudar.⁶

Contudo, Alberto Carneiro, o *cowboy* resiliente e rebelde, não se separa de *Desobediência Civil*, que transporta como um texto sagrado que interiorizou nos seus pensamentos e acções com a esperança de conseguir um “governo melhor”. *Estrada de Palha* apela, assim, ao poder de identificação do espectador com um fora-da-lei possuidor de mais princípios e valores dos que estão dentro da lei, aproximando-o de uma personagem desobediente através da qual poderá reencontrar a sua identidade e liberdade, tanto individual como colectiva. Como bem observou o realizador, durante o visionamento deste filme será impossível não pensar numa relação com um país onde é comum haver cinquenta por cento de abstenção em actos eleitorais. Assim se justifica que exista no filme alguém que se interroga sobre “que sentido faz viver aqui se isto nunca vai mudar”, tornando-se algo cada vez mais pertinente no momento actual. Consequentemente, o uso da câmara de filmar intervém numa reflexão ética sobre o presente português e a conseqüente descrença num futuro mais promissor. Se, através deste filme, o seu realizador nos transmite o realismo da mensagem pessimista, que persiste em afirmar que o contexto político-social “nunca vai mudar”, o público sentir-se-á interpelado acerca da existência de uma possível saída para um estado de inércia e desesperança em relação à crescente descrença geral na democracia já partilhada por Thoreau em *Civil Disobedience*:

when the power is once in the hands of the people, a majority are permitted, and for a long period continue, to rule is not because they are most likely to be in the right, nor because this seems fairest to the minority, but because they are most likely to be in the right, nor because this seems fairest to the minority, but because they are physically the strongest. But a government in which the majority rule in all cases cannot be based on justice, even as far as men understand it. (Thoreau 111)

Neste sentido, *Estrada de Palha* apresenta uma matriz cinematográfica que nos pode orientar num muito salutar debate sobre atitudes e formas de resistência que levem a combater o medo e o conformismo, grandes responsáveis pelos hábitos e costumes de rebanho obediente em que vivemos, e que os pen-

⁵ Citação traduzida da obra de Thoreau no filme *Estrada de Palha* de Rodrigo Areias.

⁶ Rodrigo Areias in Entrevista de Jorge Mourinha. “Não haverá Sangue”. *Ipsilon, Público*, 26 Julho, 2012. www.publico.pt/2012/06/28/culturaipsilon/noticia/nao-havera-sangue-307043 Acedido a 30 de Outubro de 2018.

samentos de Thoreau tinham já antecipado, em sintonia, aliás, com os de alguns autores mais centrais do transcendentalismo americano, como bem observou Perry Miller: “(...) this literature be read as fundamentally an expression of a religious radicalism in revolt against a rational conservatism (...) becomes (...) a protest of the human spirit against emotional starvation” (8). Tudo isto nos permitirá concluir que esta obra cinematográfica de Rodrigo Areias, ao dialogar com um dos maiores representantes da Renascença Americana, fará eco deste protesto contra o conservadorismo racional, combatendo os perigos de uma aridez emocional generalizada. Imbuído deste espírito de rebelião e acompanhado da melhor filosofia política de Thoreau, este realizador português conseguiu provar que filmar pode transformar-se numa proposta artística de desobediência. Filmar é, também, desobedecer.

Conflitos de interesse

A autora não tem conflito de interesses a declarar.

Referências

- Bazin, André. *O que é o Cinema*. Horizonte, 1992.
- Emerson, Ralph Waldo. *Nature and Selected Essays*. Penguin, 2003.
- Miller, Perry. *The Transcendentalists*. Harvard UP, 1978.
- Mourinha, Jorge. “Não haverá Sangue”. *Ipsilon, Público*, 26 Julho, 2012. www.publico.pt/2012/06/28/culturaipsilon/noticia/nao-havera-sangue-307043. Acedido a 30 de Outubro de 2018.
- Reynolds, David S. *Beneath the American Renaissance – The Subversive Imagination in the Age of Emerson and Melville*. Harvard UP, 1988.
- Thoreau, Henry David. *Civil Disobedience*. Ed. Carl Bode. *The Portable Thoreau*. Penguin, 1982.

Filmografia

- El Topo*. Real. Alejandro Jodorowsky. ABKCO Films, 1970.
- Estrada de Palha*. Real. Rodrigo Areias. Bando à parte e Oktober Film, 2012.
- Homem Morto*. Real. Jim Jarmusch. Miramax, 1995.

How to cite this article: Antónia Lima, Maria. “Desobediência Civil em *Estrada de Palha*: um *western* português alentejano”. *Anglo Saxonica*, No. 17, issue 1, art. 10, 2020, pp. 1–8. DOI: <https://doi.org/10.5334/as.4>

Submitted: 26 September 2019

Accepted: 26 September 2019

Published: 29 January 2020

Copyright: © 2020 The Author(s). This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution 4.0 International License (CC-BY 4.0), which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original author and source are credited. See <http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>.



Anglo Saxonica is a peer-reviewed open access journal published by Ubiquity Press.

